

DINHEIRO, MITO E RELIGIÃO NA FILOSOFIA DE WALTER BENJAMIN

LEANDRO KIM PEREIRA DOS SANTOS¹; CLADEMIR LUÍS ARALDI²

¹Universidade Federal de Pelotas – leandrokim87@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho tem como tema as relações entre dinheiro, mito e religião na obra do filósofo alemão Walter Benjamin. No fragmento escrito em 1921, *O capitalismo como religião*, Benjamin anota que, “metodologicamente, seria preciso investigar quais foram as ligações que o dinheiro estabeleceu com o mito no decorrer da história, até ter extraído do cristianismo a quantidade suficiente de elementos míticos para constituir o seu próprio mito.” Também se encontram no texto duas pequenas notas para potenciais investigações: “Comparação entre as imagens dos santos de diversas religiões, de um lado, e das cédulas bancárias de diversos Estados, de outro”; e o “espírito que se expressa nos ornamentos das cédulas bancárias” (BENJAMIN, 2013).

Investigar tais conceitos e suas relações abre caminho para assuntos de primeira importância na filosofia benjaminiana. Sobre o mito, podemos remeter à interpretação de Theodor Adorno, segundo a qual a “reconciliação do mito” é o tema central da filosofia de Benjamin. Religião, por sua vez, remete à profunda distinção que Benjamin opera entre teologia e religião. Já o dinheiro está vinculado ao fetichismo, fenômeno de posição central tanto em formas sociais arcaicas quanto na nossa civilização burguesa capitalista.

Por meio da análise crítica de tais elementos, torna-se possível esclarecer a conexão que o dinheiro estabeleceu com o mito e a religião desde a sua remota gênese nos altares sacrificiais das civilizações norte-ocidentais (COGGIOLA, 2021), passando pelas religiões cristãs, “especialmente em seu desenvolvimento burguês, como protestantismo, deísmo etc.” (MARX, 2013), até culminar na sociedade de mercado em sua forma contemporânea. Religião, culto e sacrifício possuem desde sempre uma ligação indissolúvel, e o dinheiro seria uma suposta via de emancipação em relação à prática sacrificial, direcionada à plena satisfação das necessidades humanas. No entanto, o que se observa é exatamente o contrário: mesmo a evolução do dinheiro em capital eleva o sacrifício de humanos e demais seres vivos a dimensões também inéditas na história humana, a exemplo da colonização das Américas, do tráfico negreiro, da modalidade da guerra total e do nazifascismo.

A filosofia de Benjamin, desde sempre baseada em uma crítica romântico-revolucionária à civilização capitalista industrial, possui três fontes: o Romantismo, o messianismo judaico e a filosofia marxiana. Aplicá-la aos conceitos e à conjuntura acima descritos constitui uma importante ferramenta intelectual para estabelecer diagnósticos e hipóteses de superação da sociedade capitalista.

A área do trabalho abrange a Filosofia da História, a História, a Teoria do Conhecimento, a Filosofia da Linguagem, a Filosofia da Religião, a Estética e a crítica marxiana da Economia Política, com incursões e investigações necessárias nas demais áreas da Filosofia, nas Ciências Humanas, como a Antropologia, e nas Ciências em geral.

Como fundamentação teórica, além da obra de Walter Benjamin, o trabalho se utiliza das obras de Marx e Engels, por seu lugar central e incontornável na Filosofia Crítica, no método dialético, na Teoria da Modernidade, na Filosofia da História e na crítica da Economia Política e da Religião. Além de Benjamin, outros autores da Teoria Crítica, como Max Horkheimer e Theodor Adorno, apresentam na *Dialética do esclarecimento* um estudo fundamental sobre a posição do mito na modernidade; Jürgen Habermas, com *O discurso filosófico da modernidade* e a *Teoria da ação comunicativa*, apresenta, respectivamente, atualizações críticas ao conteúdo da *Dialética do esclarecimento* e sínteses igualmente atualizadas da formação dos pensamentos mítico, religioso e racional; Christoph Türcke, por fim, apresenta uma intersecção entre as obras de Marx, Nietzsche e Benjamin indispensável para as finalidades do trabalho. Friedrich Nietzsche, mencionado no fragmento *O capitalismo como religião*, é utilizado por sua crítica da modernidade e da religião, fundamentada na fisiologia e no método genealógico e perspectivista; e por suas formulações, em *O andarilho e sua sombra*, sobre o vínculo entre a moral e as trocas comerciais na humanidade primitiva. Outro autor-chave do fragmento, Max Weber, com sua obra *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, apresenta estudos fundamentais sobre o “desencantamento do mundo”, as ascese intra e extra-mundanas e a teoria da racionalização. Entre os comentadores, Jeanne Marie Gagnebin se destaca por seus estudos sobre mito e religião no pensamento de Walter Benjamin; Luís Rubira apresenta uma importante investigação histórica que complementa as supracitadas formulações de Nietzsche em *O andarilho e sua sombra*; Jorge Grespan, além das interpretações sobre o fetichismo em Marx, oferece um importante estudo contemporâneo sobre os conceitos de apresentação e representação em *O capital* de Marx, que auxilia na tarefa de interpretar as metáforas religiosas desta obra como “chaves de compreensão do capitalismo” (GRESPLAN, 2019).

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, leitura, análise e comparação de textos filosóficos e de outros autores e áreas de interesse; da Filosofia da História, da Filosofia da Linguagem e da Estética de Walter Benjamin; da crítica da religião e dos valores humanos promovida por Friedrich Nietzsche, por meio do seu método genealógico e perspectivista; e da crítica da economia política e da ideologia de Karl Marx e da Teoria Crítica, por meio do método dialético de pesquisa e exposição, da interdisciplinaridade materialista fundamentada na História e na Teoria Social, e da Filosofia da História com finalidade prática.

As pesquisas e resultados foram obtidos por leitura e análise das obras de Walter Benjamin: *O capitalismo como religião*, *Passagens*, *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe, Baudelaire e a modernidade* e *O anjo da história*; Marx e Engels: *Manuscritos econômico-filosóficos*, *A ideologia alemã*, *Manifesto Comunista* e *O capital* (v. 1 e 3); Nietzsche: *Humano, demasiado humano* (v. 2), *A genealogia da moral* e *O anticristo*; Jürgen Habermas: *Conhecimento e interesse*, *Teoria da ação comunicativa* e *O discurso filosófico da modernidade*; Adorno e Horkheimer: *Dialética do esclarecimento*; Max Weber: *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*; Christoph Türcke: *Sociedade excitada: filosofia da sensação*; Herbert Marcuse: *A ideologia da sociedade industrial*; e textos e obras dos comentadores Michael Löwy, Ernani Chaves, Jeanne Marie Gagnebin, Osvaldo Coggiola, Jorge Grespan, Luís Rubira e Marcos Nobre.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas e análises teórico-filosóficas até então desenvolvidas permitem verificar que o dinheiro tem sua origem intrinsecamente vinculada à questão do sacrifício humano e animal; pressupõe uma espécie de tensão entre as categorias do profano e do sagrado; e está vinculado também aos fenômenos da expansão dos povos norte-ocidentais e da secularização.

O mito, por sua vez, possui lugar central na filosofia benjaminiana, e está vinculado à noção de reconciliação. Partindo da análise crítica de categorias da teoria do conhecimento kantiana, Benjamin busca desvincular o mito de noções como falsidade, ilusão e irracionalidade. Um momento fundamental de tais abordagens – o qual, segundo importantes comentadores, gera o embrião da própria Teoria Crítica – se encontra no ensaio sobre *As afinidades eletivas*: Benjamin identifica nas diferentes condutas das personagens do romance de Goethe a chave da oposição entre um agir histórico – de caráter racional, moral e emancipatório, e que sempre envolve riscos – e uma passividade em relação às forças naturais e divinas e às convenções sociais, ou seja, uma entrega à “mera vida” ou mera sobrevivência natural – passividade esta de caráter sacrificial, pois acarreta a exposição às contingências do destino e da catástrofe. Benjamin opera com concepções de mito e teologia as quais, ao invés de constituírem um arcaísmo incômodo, buscam superar as noções de logos limitadas à descrição e reafirmação de um status quo de angústia, violência e ruína – isto é, da realidade de uma civilização entregue àquelas mesmas forças e contingências reveladas na obra de Goethe.

Sobre a religião, verificamos que há na filosofia benjaminiana uma criteriosa separação entre aquela e a teologia. Benjamin mantém um distanciamento crítico em relação à religião e ao religioso e ataca abertamente os substitutos religiosos medíocres que surgem em períodos de crise das religiões tradicionais e de desencantamento. Essa chave negativa se deve em muito ao fato de Benjamin ter adquirido interesse pela religião a partir das noções da morte de deus, de Nietzsche, e de desencantamento do mundo, de Weber. Já a teologia marca desde o início o pensamento de Benjamin, oriunda da tradição messiânica judaica, mas também da tradição cristã. Com base em alguns textos e notas de destaque em sua obra – especialmente o texto enigmático e polêmico da primeira tese *Sobre o conceito da história* –, é possível concluir que a teologia é um tipo de discurso cujo estatuto epistemológico serve de contraponto ao ideal cartesiano, ou seja, à filosofia concebida como o conhecimento de um objeto preciso por um sujeito determinado mediante um método matemático-geométrico. A teologia é portadora de uma dinâmica da linguagem que, para descrever verdadeiramente seu objeto, inventa sempre novas figuras e novos sentidos. Dessa forma, a exemplo da arte e da filosofia, ela auxilia na tarefa de lidar com objetos que nos escapam ao controle, como deus, a história e a verdade. Trata-se de uma linguagem primeva, uma espécie de “prosa liberada”, a prosa de um mundo liberto da cisão entre o profano e o sagrado, e entre o tempo histórico e o tempo messiânico. Há em Benjamin uma rigorosa separação também entre religião e política. E por isso este mundo liberto só pode se realizar a partir da ordem do profano, aquela que dita a ordem política e é guiada pela ideia de felicidade. O tempo messiânico, a realização messiânica, é na filosofia de Benjamin a realização da felicidade terrestre, que pertence à ordem do profano e do político.

Por fim, vimos que o fetichismo é um dos fenômenos fundamentais da sociedade burguesa capitalista. Embora presente nas formas sociais arcaicas,

este fenômeno adquire um caráter mais profundo e violento nas formas de sociabilidade próprias do capitalismo, pois atinge os indivíduos tanto no âmago do seu metabolismo com a natureza quanto na próprias capacidades de socialização; e embora sua forma mais radical consista na forma do capital – o valor que cria a ilusão de se autovalorizar, ao mesmo tempo em que priva a massa de trabalhadores dos meios de produção da própria existência –, é na forma do dinheiro que o fetichismo atinge seu ápice de expansão e universalização.

4. CONCLUSÕES

Investigar e analisar de forma crítica as relações entre dinheiro, mito e religião a partir das notas do fragmento de Benjamin permite apresentar até aqui o panorama de uma forma de sociabilidade humana afetada até as últimas consequências pelo poder mítico do dinheiro, poder este originário de um sistema social centralizado na produção e troca de mercadorias. As categorias que representam este sistema, segundo Jorge Grespan, configuram aquilo que Marx denomina como “religião do cotidiano” (GRESPLAN, 2019; MARX, 2017). Trata-se de uma expressão que se refere à presença da religião no cotidiano, na vida comum dos indivíduos, e por esta razão se opõe à religião do domingo, dos feriados e dias santificados. Esta religião do cotidiano permeia os atos mais simples e banais com a marca da transcendência. O trabalho se torna um tipo de oração e as trocas, um ritual. No mundo capitalista, a força mágica dos portadores e representantes do poder social será tanto maior quanto mais dissolvida em meio aos laços que os indivíduos produzem e reproduzem no dia a dia, com todas as atenções voltadas aos seus afazeres imediatos, e não à intervenção externa das forças míticas que nos regem. E aqui finalmente podemos remeter à afirmação de Marx, segundo a qual, para uma sociedade produtora de mercadorias cujas relações sociais são de caráter reificado, o cristianismo, que cultua o indivíduo abstrato, é a forma de religião mais apropriada (MARX, 2013).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W., HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- BENJAMIN, W. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- COGGIOLA, O. **Teoria econômica marxista: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- GAGNEBIN, J. M. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.
- GRESPLAN, J. **Marx e a crítica do modo de representação capitalista**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- GRESPLAN, J. **Marx: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- MARX, K. **O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. **O capital: crítica da economia política: Livro III: o processo global da produção capitalista**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- NIETZSCHE, F. W. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres, volume II**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.